ATA N.º 4/2025

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (SOLENE)

Local: **Salão Nobre do Edifício dos Paços do Município**
Data: **25/04/2025.**
Iniciada às 09,00 horas e encerrada às 10,10 horas.

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 51.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

A sessão iniciou-se com a presença de:

Presidente da Mesa:	Francisca Maria Rosado Silva Sousa
Primeiro-Secretário:	Rui Manuel Rocha Passinhas
Segundo-Secretário:	Ana Maria Palma Bravo
Membros:	Arnaldo Gonçalves Caeiro
	Dimas Joaquim Canhão Ferro
	Venceslau Inácio Ramalho Raminhos
	Luís Carlos Barreto Rdrigues
	Rui Manuel Chilrito Pereira
	Vítor Manuel Rosado Aranha
	Vítor Hugo Segurado Dias
	Marta José Cominho Capucho
Presidente da Junta de Freguesia de Granja:	Felizardo José Aranha
Presidente da Junta de Freguesia de Luz:	Sara Maria Vidigal Correia
Presidente da Junta de Freguesia de Mourão:	José Duarte Costa Franco

--- A sessão foi presidida pela Sr.ª **Francisca Maria Rosado Silva Sousa**, Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, e secretariada por **Vítor Manuel Leal Vidigal**, coordenador técnico da Subunidade Orgânica de Administração Geral, Arquivo e Atendimento ao Cidadão, da Divisão Administrativo-Financeira e de Desenvolvimento Económico. ----------
--- Relativamente à composição da Assembleia Municipal em matéria de pedidos de substituições ao abrigo dos artigos 78.º, alínea a) do n.º 1 do artigo 29.º e artigo 79.º da

Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, mantida em vigor pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, **a Senhora Presidente da Assembleia Municipal** informou que pediram substituição: ----------

- O **Senhor Deputado Municipal Alexandre Filipe Conde Farias**, substituído nos termos legais e regimentais pelo Senhor **Luís Carlos Barreto Rodrigues**. ----------

--- Considerando que os mesmos foram notificados nos termos legais e regimentais, e estando presentes na sala, e ser do conhecimento pessoal dos membros da Mesa da Assembleia Municipal a sua identidade e legitimidade, iniciaram aqueles, imediatamente, as suas funções como Deputados Municipais. ----------

--- Verificadas as presenças e dada a existência de quórum, com a falta dos Senhores Deputados Municipais **José Pedro Pires dos Reis** e **Luís Miguel da Cruz Bação** a **Senhora Presidente da Assembleia Municipal** declarou abertos os trabalhos da sessão (solene) extraordinária da Assembleia Municipal de Mourão, a qual teve como único ponto da ordem de trabalhos a comemoração solene do 51.º aniversário do 25 de Abril. ----------

--- A Senhora Presidente da Assembleia Municipal cumprimentou todos os presentes, informando de seguida que na ["...sessão solene comemorativa do 51.º aniversário do 25 de Abril usarão da palavra o Sr. Presidente da Câmara Municipal, seguidamente os representantes dos grupos municipais com assento nesta na Assembleia Municipal, o que será feito por ordem crescente de representatividade..."] e por último a sua intervenção final. ----------

--- Ato contínuo, **a Senhora Presidente da Assembleia** deu a palavra ao **Sr. Presidente da Câmara Municipal de Mourão**, que leu o seu discurso do seguinte teor: ----------

"Um cumprimento especial a todos os munícipes que aqui estão connosco a celebrar os 51 anos de abril, porque abril foi feito para as pessoas e só faz sentido celebrá-lo com as pessoas,

Distintos convidados. (fim)

*Duas décadas antes de abril – antes de abril ser sequer uma possibilidade –, **Jorge de Sena** soltou um grito de liberdade que jamais seria esquecido:*

"Não hei-de morrer sem saber qual a cor da liberdade."

Foi este o grito do poeta.

Era um grito que ganhou vida na consciência coletiva dos portugueses.

Na consciência daqueles jovens arrastados para a guerra.

Na consciência dos milhares de emigrantes que saíram de Portugal para procurar uma vida melhor.

Na consciência de todos aqueles que foram perseguidos por pensar, falar e escrever.

Na consciência de um país em profunda mudança, que via, ouvia e lia – e não podia ignorar.

*Não podia ignorar que aquele regime os queria, como dizia Jorge de Sena, **mudos e cegos**.*

*Se sempre houve essa tentação de calar e cegar as pessoas, também houve – e foi sempre mais forte – **a ânsia pela liberdade**.*

A ânsia pela liberdade que planta as suas sementes mesmo em solos inférteis.

E, mesmo naquele mundo cinzento, houve sempre quem exigisse saber qual era a cor da liberdade.

Da liberdade que é o bem que recusa ser manipulado pela ideologia.

Que não permite que esta feche a realidade em caixas monolíticas que caricaturam a sua complexidade.

É esta simplificação da realidade que nos faz cair em erros perigosos:

Que nos faz pensar que uma vez conquistada a liberdade, uma vez afastado o passado de opressão, somos livres para sempre.

***A realidade não é assim. A História não é assim**.*

Existem sempre ameaças à liberdade, mesmo naqueles regimes que batem ao peito gritando vivas à liberdade.

***Quantas** vezes é que o agitar dos fantasmas do passado não serviu para justificar a perda da liberdade no presente?*

***Quantas** vezes é que a promessa de libertação não escondeu as correntes da servidão humana?*

A liberdade é um bem que tem de ser permanentemente protegido, cultivado e nutrido.

***É algo que exige um esforço constante: e esse esforço é o de manter a cor da liberdade sempre viva**.*

Senhora Presidente,

Senhoras e Senhores,

Foi o 25 de abril que mostrou a todos essa cor da liberdade.

Eu nasci em 1991, muito depois da revolução.

Não estive envolvido na mudança que a Revolução causou no país.

Mas hoje, que estamos a cumprir os 51 anos de abril, o exercício que se nos impõe é olhar para esta realidade.

É dizer aos mais jovens que abril valeu a pena e que eles são os seus herdeiros.

É olhar para os próximos 50 anos, tendo os primeiros 50 anos de abril atrás de nós.

Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar, é olhar para a grande lição do passado.

A grande lição que abril nos deu foi que, afinal, a liberdade não tem apenas e só uma só cor.

A liberdade tem várias cores. Não é monocromática.

Da liberdade brotam cores diferentes, visões diferentes, sensibilidades diferentes, opiniões diferentes.

É precisamente essa diversidade que fica patente nesta cerimónia.

E esta é uma casa de abril, Senhora Presidente, porque aqui não há visões fechadas, não há sensibilidades estreitas, não há opiniões sem contraditório.

Porque se a liberdade tivesse só uma cor, ela seria o privilégio de uns poucos e não a liberdade de todos.

Naquele dia em abril rejeitou-se uma visão fechada.

E, se alguns tentaram pouco depois impor a sua própria visão fechada, o país não deixou que o seu horizonte se fechasse.

Manteve um horizonte aberto onde todas as cores têm lugar.

Foi Jaime Gama que disse, por ocasião de uma cerimónia do 25 de Abril na Assembleia da República, que o espírito de abril é suficientemente englobador para não se contentar com proprietários exclusivos.

É precisamente essa a lição daquele dia há mais de 50 anos:

Abril não tem donos.

Porque se a liberdade tivesse donos, ela seria uma ditadura.

Senhoras e Senhores,

***Em segundo temos a lição do presente**.*

Nos últimos 51 anos muito mudou no mundo.

Caíram vários impérios ditatoriais e decretou-se o «Fim da História».

Pouco depois a História voltaria e novos conflitos surgiriam.

Tivemos uma crise financeira e uma pandemia que colocaram em causa os alicerces institucionais do nosso mundo.

A guerra voltou à Europa e uma tensão perigosa parece espalhar-se por todo o globo.

O mundo de hoje é radicalmente diferente do de 1974.

E a sociedade portuguesa mudou muito.

Vimos essa mudança refletida em resultados eleitorais, e não a podemos ignorar.

Mas apesar de todas estas mudanças, posso dizer que as ameaças à liberdade que abril nos deu têm o mesmo caráter.

Têm a mesma essência, ainda que mudem a sua forma.

***É o caráter do extremismo**.*

Seja este extremismo de esquerda. Seja este extremismo de direita, como estamos a ver crescer por todo o Ocidente.

***A ameaça é sempre a mesma: reduzir a liberdade a uma só cor. Fechá-la no monolitismo ideológico**.*

Esta é a situação do presente, 51 anos depois de abril: a ameaça à liberdade volta a estar nos extremismos.

Senhoras e Senhores,

Em terceiro, e perante isto, está o que fazer no futuro.

*Como imaginar os próximos 50 anos – **como imaginar os 100 anos do 25 de Abril**?*

Como é que dizemos às pessoas, e principalmente aos nossos jovens, que abril vale a pena? Como é que combatemos estas ameaças à nossa liberdade?

Não é certamente a bater no peito a gritar palavras de ordem.

Não é a boicotar opiniões nem a insultar todos os que não concordam connosco.

Isso é enfiar a cabeça na areia e recusar olhar para a realidade.

As pessoas precisam hoje de sentir abril como algo tangível, se não o que estamos aqui a fazer é apenas rotina.

É apenas uma liturgia vazia de substância.

Projetar abril para os próximos 50 anos significa falar menos e fazer mais.

Significa concretizar mais e proclamar menos.

Significa uma nova forma de fazer política.

Uma política feita para as pessoas, com as pessoas e ouvindo as pessoas.

É esse o exemplo que queremos dar a partir de Mourão para o futuro. Para os próximos 50 anos.

O exemplo de uma política que faz.

É isto que todos nós temos de fazer: mostrar que a política pode resolver os problemas das pessoas.

Senhoras e Senhores,

Abril cumpre-se com obras concretas, não com palavras ocas.

É assim que recuperamos a confiança das pessoas. E, em especial, daquelas que estão mais descontentes.

As pessoas não querem que a democracia se reduza ao pequeno jogo político-partidário.

As pessoas querem uma democracia feita para elas, e não para os partidos.

Com os partidos ao serviço das pessoas e do país, e não as pessoas e o país ao serviço dos partidos.

É isso que está em jogo no futuro.

É não deixar apagar as cores da liberdade.

Senhoras e Senhores,

*Sempre houve várias tentativas de radicalizar abril, mas os portugueses sempre optaram por querer **um abril Moderado**!*

Assim revela o símbolo maior de abril, os cravos são o maior símbolo de paz e de não violência!

A não violência impôs-se sobre a luta e o radicalismo ideológico.

E é isso que é celebrado de forma unânime pelos portugueses:

Um Abril Moderado

Viva a democracia e a liberdade!

Viva o 25 de Abril! Viva Lisboa! Viva Portugal!"

--- **A Senhora Presidente da Mesa da Assembleia** deu de seguida a palavra ao representante do CHEGA (CH), o Senhor Deputado Municipal **Vítor Hugo Segurado Dias**, que proferiu o seguinte discurso: ----------

"É com elevada honra e profundo sentido institucional que tomo a palavra nesta sessão solene, evocando uma das datas mais marcantes da nossa história coletiva: o 25 de Abril de 1974.
Convido-vos, assim, a acompanhar-me numa breve viagem de palavras, em honra daqueles que ousaram sonhar com um país livre e que tornaram esse sonho realidade.

Discurso 25 de Abril
Liberdade, abusos e os desafios da democracia

Hoje celebramos e recordamos o 25 de Abril de 1974, uma data que marca não apenas uma viragem na história de Portugal, mas também um verdadeiro exemplo de coragem, liberdade e esperança, o dia em que Portugal renasceu. Foi neste dia que homens e mulheres decidiram dizer CHEGA de décadas de censura, repressão, guerra colonial e medo, o dia em que os militares do Movimento das Forças Armadas tomaram as ruas de Lisboa, não para conquistar poder, mas para devolver ao povo aquilo que lhes era devido: o direito de escolher, de falar, de viver livre.

Foi um despertar coletivo contra quem reprimiu vozes e empurrou o país para décadas de atraso social, político e económico.

O 25 de Abril deu-nos liberdade, mas também nos mostrou que a liberdade exige responsabilidade e que nunca nos esqueçamos que a liberdade não é um dado adquirido, tem de ser cuidada, protegida, e sobretudo, usada com sabedoria.

É fundamental que, ao celebrarmos abril, o façamos com memória completa, com orgulho pelo que foi conquistado, mas também com lucidez sobre o que correu mal a seguir.

Certos setores da esquerda radical não souberam ou não quiseram usar essa liberdade com maturidade democrática.
No período pós-revolucionário, especialmente durante o turbulento ano de 1975, assistimos a tentativas de capturar o processo democrático em nome de ideologias autoritárias, agora pintadas de vermelho.

O que deveria ter sido uma transição pacífica para uma democracia plural, rapidamente foi ameaçada por nacionalizações forçadas, ocupações de empresas e propriedades. Houve censura invertida onde quem discordava era acusado de "reacionário" ou "fascista" e mais grave, as tentativas de implantar um regime de inspiração marxista-leninista, alheio à vontade de grande parte do povo português. A

liberdade que tanto custou a conquistar esteve, por momentos, à beira de ser substituída por uma nova forma de tirania, não da direita, mas da extrema-esquerda.

É importante reconhecer que, se Portugal se tornou de facto uma democracia estável e moderada, deve-se, em parte, à resistência cívica e política que disse "não" ao extremismo, e que reafirmou os valores centrais de abril: liberdade, pluralismo e responsabilidade.

É por isso que, ao gritarmos "viva o 25 de Abril", devemos também lembrar, com firmeza e gratidão, o 25 de Novembro.
Porque foi nesse dia que a liberdade esteve à beira do abismo e foi novamente o povo que impediu que Portugal caísse numa nova ditadura, agora pintada com outras cores.
O 25 de Novembro foi o momento em que dissemos: sim à liberdade, mas não ao extremismo.
Sim à democracia, mas não à tirania travestida de revolução.
Foi o dia em que Portugal reafirmou que a liberdade não pertence a uma ideologia, "pertence ao povo".
Viva o 25 de Abril, que nos devolveu a voz.
Mas nunca esqueçamos o 25 de Novembro, que garantiu que essa voz continuasse livre.

A história não pode ser lida apenas com emoção. É preciso espírito crítico. Celebrar abril é também reconhecer que a liberdade não é de esquerda nem de direita. A liberdade é de todos.
E qualquer força, seja qual for o seu lugar no espectro político que tente apropriarse dela ou usá-la para impor novas formas de autoritarismo, trai o espírito do 25 de Abril.

Que nunca esqueçamos: não se combate uma ditadura impondo outra. A democracia exige mais do que slogans, exige respeito pela diversidade, pelas instituições e pela soberania do povo.

A Revolução dos Cravos foi um feito extraordinário, sobretudo por ter sido feita com pouco sangue e muito simbolismo. Mas hoje, depois de mais de 50 anos, é nosso dever olhar para essa liberdade com os olhos bem abertos. Porque a liberdade é um bem precioso, mas não está isenta de ser mal utilizada.

É preciso ter coragem para dizer: houve quem não soubesse usar a liberdade conquistada.

Com o tempo, o que era para ser um sistema de justiça, igualdade e transparência transformou-se, em muitos casos, num palco de corrupção, compadrio e interesses privados disfarçados de interesse público.

A democracia abriu espaço para a liberdade, mas também para a impunidade. A classe política foi, demasiadas vezes, substituindo o ideal pelo oportunismo e a corrupção infiltrou-se nas instituições, minando a confiança do povo no próprio sistema que tanto custou a conquistar.

Além disso, enfrentamos hoje um problema sério e crescente: a imigração descontrolada, muitas vezes mal gerida, incentivada por governos irresponsáveis, sem planeamento estratégico e com consequências reais. Não se trata de xenofobia, trata-se de bom senso.

Portugal não tem estrutura para receber, integrar e sustentar esta quantidade de pessoas.
A hospitalidade portuguesa é inegável, mas quando a solidariedade não vem acompanhada de responsabilidade, quem paga o preço são os cidadãos comuns com escolas sobrecarregadas, hospitais lotados e bairros transformados sem que ninguém tenha sido ouvido.

Este não era o futuro com que tantos sonharam em 1974.

O 25 de Abril deu-nos a oportunidade de fazer diferente, de sermos mais justos, mais livres e mais unidos, mas liberdade sem ordem, sem responsabilidade e sem verdade, torna-se apenas uma palavra bonita num discurso vazio.

Hoje, honramos aqueles que nos deram a democracia. Mas também deixamos um aviso claro: é tempo de proteger abril não apenas da ameaça do passado, mas também dos erros do presente.

Não podemos continuar a tolerar corrupção como se fosse um mal inevitável. Nem aceitar políticas de imigração que ignoram a realidade do país e a vontade do povo.

A liberdade, para ser verdadeira, precisa de estar ao serviço do bem comum e não ao serviço de elites partidárias, de interesses económicos obscuros ou de ideologias cegas.

Foi para isto que se fez o 25 de abril?

Para haver liberdade, mas só para alguns?
Para trocar um regime autoritário por um regime corrupto?
Para calar vozes incómodas com rótulos e slogans?

Não.

O 25 de Abril foi feito por patriotas. Por homens que arriscaram a vida para dar ao povo o direito de decidir.

E hoje, quem verdadeiramente honra abril, é quem tem coragem de dizer a verdade, mesmo que incomode.

Queremos uma democracia real, onde a liberdade não sirva de escudo à corrupção nem de desculpa para políticas desastrosas.
Queremos um país onde ser português conte.
Queremos respeito pelo povo, pela ordem, pela justiça.

CHEGA de abusos. CHEGA de fingir que está tudo bem. É hora de acordar.
Viva Portugal.
Viva o 25 de Abril. Sem máscaras. Com verdade. Com coragem. Com futuro."

--- De seguida, **a Senhor Presidente da Mesa** deu a palavra ao representante da CDU – Coligação Democrática Unitária (PCP-PEV), o Senhor Deputado Municipal **Felizardo José Aranha**, que leu o seu discurso que seguidamente se transcreve: ----------

"Mais uma vez nos encontramos aqui, para celebrar aquela data que já foi símbolo de liberdade, da esperança e da Democracia, o 25 de Abril de 1974.
Presentemente, a situação, encontrando-se em fase de retrocesso, está a permitir que muitos daqueles direitos e liberdades conquistados, naquele dia especial, estejam a ser retirados e substituídos por obrigações e exigências cada vez mais próximas das que existiam antes daquela data. Perda do valor do trabalho, horários cada vez mais prolongados e desregulados, perda do direito à habitação condigna, perda do direito à protecção na saúde, perda do direito à educação, as pensões e as reformas condignas, estão agora abaixo das necessidades de cada um, são alguns dos exemplos, da perda de um sem números de direitos conquistados com o 25 de Abril.
Ouve-se falar, na comunicação social, nas redes sociais, nos locais de trabalho e outros locais frequentados pelo Povo e pelos trabalhadores, em Democracia, em liberdades e garantias, e vivas ao 25 de Abril, quando afinal a maior parte das situações é apenas da boca para fora pois, enquanto por um lado proclamam essas situações, estão, ao mesmo tempo, por outro, a retirar à população em geral e aos trabalhadores em particular, aqueles direitos e garantias que o Povo conquistou.
A vontade dos dirigentes, anteriores e atuais, é entregar ao grande capital, todos os direitos e garantias, aos amigos e seus familiares de modo a que estes possam, através da privatização dos serviços, retirar aqueles direitos, sociais e financeiros, a um Povo cada vez mais empobrecido. Para alimentar a sua ganância, ao mesmo que tempo que exploram aqueles que já não conseguem suprir as suas necessidades básicas vão, sem nenhum pudor, aumentando as suas fortunas. A saúde e a educação, direitos conquistados, não deveriam de ser um negócio. As condições de aceder àqueles serviços básicos pela população, deve ser uma obrigação acometida ao Estado ao abrigo da Constituição da República Portuguesa.
Vive-se, atualmente, numa hipocrisia generalizada em que os valores humanos estão postos à prova. Por um lado, clama-se por justiça e condenação, enquanto que por outro e pelas mesmas ou piores razões, de genocídio até, se assobia e se olha para o lado, em vez de se condenar, também, como se impõe. É de salientar que, em particular, nesta nova situação, ainda por cima, são apoiados pelos que condenam situações análogas ou similares.
Parece-nos, que estaria, agora, na altura de, mais uma vez, o Povo mostrar o seu descontentamento e tomar de novo as rédeas do seu destino, mostrando aos que nos têm desviado desse rumo, que é a Democracia, que o Povo Unido jamais será vencido.
25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO NUNCA MAIS! VIVA O 25 DE ABRIL!
VIVA PORTUGAL!"

--- No seguimento da sessão **a Senhora Presidente da Mesa** deu a palavra à Senhora Deputado Municipal representante do Partido Socialista**, José Duarte Costa Franco**, que leu o seu discurso do seguinte teor: ----------

"Comemoramos hoje 51 anos sobre o dia em que Portugal recuperou a sua dignidade e reencontrou o seu destino coletivo: o 25 de Abril de 74.

Foi há pouco mais de cinco décadas que os cravos floriram nos canos das espingardas e o povo saiu à rua para acolher os capitães da liberdade. Portugal libertava-se de 48 anos de ditadura, e com essa libertação veio o direito de escolher, de pensar, de protestar, de sonhar e de construir um país onde a palavra "cidadania" ganhava, finalmente, o seu verdadeiro sentido.
A Revolução dos Cravos foi, antes de mais, um ato de coragem. Mas foi também um ato de amor: amor à pátria, ao povo, à justiça e à liberdade.
Senhoras e senhores,
O Partido Socialista sente um profundo orgulho em ter estado desde o início no lado certo da História. Orgulhamo-nos do nosso contributo para a consolidação da democracia portuguesa, da Constituição de 1976, da criação do Serviço Nacional de Saúde, da Escola Pública, da Segurança Social universal, e do poder local democrático — uma das maiores conquistas de Abril.
E é precisamente aqui, no concelho de Mourão, que esse poder local tem mostrado o seu valor. Porque a democracia vive-se no terreno. Vive-se nas freguesias, nas aldeias, nas coletividades, nas escolas, nos centros de saúde, nas instituições sociais, nas associações culturais e desportivas. Vive-se na proximidade entre os eleitos e os eleitores. Vive-se em cada decisão que melhora a vida das pessoas.

Em Mourão, na Granja e na Luz, sentimos como Abril transformou a nossa terra. Abril trouxe-nos liberdade? sim — mas trouxe também desenvolvimento, igualdade de oportunidades, serviços públicos, valorização do mundo rural, da cultura e da coesão social. A democracia permitiu-nos sonhar e concretizar, ultrapassar décadas de abandono e afirmar o nosso valor enquanto concelho alentejano, no interior, mas cheio de potencial humano e territorial.

Abril trouxe-nos o direito à palavra. À escolha. À participação. E é por isso que hoje aqui estamos — nesta Assembleia Municipal — a honrar esse legado com palavras firmes e com a responsabilidade de quem sabe que a democracia se constrói todos os dias.
Minhas senhoras e meus senhores,
Celebrar abril é também reconhecer que a liberdade nunca está garantida de forma definitiva. Vivemos tempos de inquietação e incerteza, onde, por vezes, se colocam em causa valores que julgávamos inquestionáveis. Onde surgem discursos que tentam normalizar o ódio, o racismo, a exclusão e a indiferença social. E é por isso que temos de ser firmes na defesa da liberdade, da justiça social e da solidariedade.

O Partido Socialista reafirma hoje, neste espaço de soberania democrática, o seu compromisso com os valores de abril:

— Um concelho mais justo e coeso,
— Um poder local forte e próximo das pessoas,
— Um serviço público que chegue a todos,
— E um Alentejo respeitado, com futuro.
Porque abril também é nosso. E cabe-nos continuar a escrevê-lo, com trabalho, com responsabilidade e com coragem.
termino com uma citação inspiradora, adaptada das palavras do Papa Francisco:
"A liberdade é de todos, todos, todos!"

Viva o 25 de Abril!
Viva ao concelho de Mourão!
Viva a Liberdade!
Viva a Democracia!
Viva Portugal!
Muito obrigado."

--- Seguidamente, **a Senhora Presidente da Mesa** deu a palavra à Senhora Deputada Municipal representante do PPD/PSD, **Sara Maria Vidigal Correia**, que leu o seu discurso do seguinte teor: ----------

"Hoje celebramos o 25 de Abril, um marco incontornável da nossa história coletiva — o dia em que Portugal escolheu a liberdade, a democracia e o pluralismo como pilares do seu futuro.
Esta é uma data que transcende ideologias.
Foi graças ao 25 de Abril que hoje temos a possibilidade de estar aqui, eleitos democraticamente, com legitimidade para representar os cidadãos. A liberdade de expressão, de associação e de pensamento são conquistas inegociáveis e que importa sempre defender.
Mas, tal como a liberdade foi conquistada, também precisa de ser cuidada. Vivemos num tempo em que a palavra está mais livre do que nunca — mas também mais exposta, mais impulsiva, e, por vezes, mais irresponsável.
As redes sociais, que democratizaram o acesso à opinião pública, trouxeram também novos desafios: a facilidade com que se acusa, se difama ou se destrói reputações, sem contraditório, sem provas, sem responsabilidade. A facilidade com que se deturpa a verdade para conseguir convencer quem lê de que a razão assiste a quem escreve. O ruído muitas vezes sobrepõe-se ao debate. A agressividade substitui o argumento. E a crítica justa dá lugar ao ataque pessoal.
Não foi para isto que se fez Abril. A liberdade que hoje celebramos não é a liberdade de distorcer a realidade com o intuito de melhor nos servirmos, não é a liberdade de caluniar, de ludibriar, de polarizar ou de dividir. A mentira está, necessariamente, no lado oposto da liberdade conquistada pelos corajosos capitães.
A liberdade de Abril é a liberdade de construir, de debater com elevação, de discordar com respeito e de transmitir as nossas mensagens sempre com base na verdade devidamente instruída.
Enquanto representantes eleitos e num ano de eleições autárquicas, temos uma responsabilidade redobrada: dar o exemplo. Não alimentar a desinformação, o extremismo, o populismo ou a facilidade

do insulto. Mas sim cultivar o respeito institucional, mesmo na diferença, e recordar que o adversário político não é um inimigo. Debater com elevação por forma a que os eleitores decidam com base no esclarecimento de ideias e ideais, bem como no trabalho demonstrado.
Que este 25 de Abril nos inspire, não só a recordar o passado, mas a cuidar do presente e a preparar o futuro. Um futuro onde a liberdade e a democracia não sejam apenas palavras comemoradas, mas práticas quotidianas, vividas com responsabilidade, com coragem e com verdade.
Que este 25 de abril nos lembre que a liberdade que conquistámos não é um ponto de chegada, mas um caminho que se percorre todos os dias – com respeito, com elevação, com sentido de responsabilidade.
Como disse António Sérgio "A educação para a liberdade é a mais difícil, porque implica a responsabilidade."
Que saibamos, todos, estar à altura dessa exigência.

Viva a liberdade, viva a democracia, viva o concelho de Mourão, viva Portugal"

--- Finalmente **a Senhora Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Mourão, Francisca Maria Rosado Silva Sousa**, fez a leitura do seu discurso que seguidamente se transcreve: ----------

"O 25 de abril de 1974 e o seu significado determinante para a sociedade portuguesa é de todos conhecido e já foi claramente referido aqui hoje. Assim sendo, proponho-vos que façamos uma reflexão sobre os desafios que o 25 de abril nos suscita para o futuro. Convido cada um a fazer esse exercício.

E quais são os desafios que poderíamos identificar, para além de muitos outros?

Primeiro: a existência de um pensamento verdadeiramente livre, com a liberdade para pensar, questionar, agir, construir e ser. Só um pensamento livre é o alicerce de uma sociedade verdadeiramente justa e democrática. E não é fácil ter este pensamento livre num momento da nossa história em que as liberdades individuais e coletivas estão ameaçadas e em que algoritmos moldam a informação que consumimos, as escolhas que fazemos e toldam a nossa perceção da realidade.

Segundo: o desafio para a compreensão do outro, para a compreensão de que o destino de cada um de nós está fortemente entrançado com o destino de todos. Sem esta compreensão, não há caminhos de esperança, de fraternidade e de paz. E tanto que precisamos de paz! E cada um de nós tem de ser promotor da paz. Temos de escalar muros, transpor barreiras, e a ferramenta que temos é a compreensão. Mas essa compreensão tem de ser muito mais do que um olhar benevolente, complacente; tem de ser um compromisso com a dignidade com a equidade entre todos. E é preciso que essa compreensão se efetive e dê frutos, o que nos conduz ao terceiro desafio.

Terceiro: existência de líderes fortes, inspiradores, que transformam e constroem um legado de progresso e estão genuinamente conectados com as pessoas e com os problemas reais. A sua ação

transforma a vida das pessoas e cria um futuro melhor para cada um. Usemos o nosso pensamento livre para os identificar nas nossas comunidades e a nível global.

Quarto: valorizar a ação política nas nossas comunidades, possibilitada pela existência de um poder autárquico democrático, preciosa herança do 25 de abril. Um dos objetivos da ação política deve ser a promoção da consciencialização, para cada cidadão, do seu papel na consecução dos objetivos comuns para o bem-estar de todos. E também aqui as lideranças devem ter um papel catalisador. Outro dos objetivos da ação política deve ser o reconhecimento do papel das mulheres na política. As mulheres têm sido fundamentais na transformação social e no fortalecimento da democracia em Portugal. O empoderamento das mulheres na política não é só uma questão de igualdade de género, é uma questão de justiça social; as mulheres trazem uma visão única para os problemas e para a criação de soluções com abordagens práticas e realistas.
Para vencer estes e outros desafios no futuro é preciso, como sublinhava o Santo Padre Francisco, coragem e que não tenhamos medo. E nós não temos medo!
Viva a paz
Viva o 25 de abril
Viva o concelho de Mourão
Viva Portugal"

--- **A Senhora Presidente da Assembleia Municipal** declarou, de seguida, encerrados os trabalhos, eram 10,10 horas. ----------

--- Para constar se lavrou a presente ata que foi aprovada, por unanimidade, na sessão de 30 de junho de 2025, e vai ser assinada pela Senhora Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, e por mim, Vítor Manuel Leal Vidigal, secretário, que a redigi e subscrevo. --------

A Presidente da Mesa da Assembleia Municipal,
Francisca Maria Rosado Silva Sousa
O Coordenador técnico,